



Ciência e meio ambiente:
urgências para o ensino
de jornalismo

22º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo
e IV Congresso de Jornalismo da Amazônia

De 25 a 28 de Abril de 2023

local: Universidade Federal do Amazonas (UFAM) - Manaus/AM



PRODUÇÃO CIENTÍFICA

JORNALISMO E NARRATIVA, ATÉ QUE PONTO SE CONECTAM, SOB A PERSPECTIVA TEÓRICA

Ivone Ananias dos Santos Rocha¹; ivoneasr@gmail.com

Rita de Cássia Romero Paulino²; cpauli@gmail.com (orientadora)

RESUMO

A partir de algumas indagações, numa visão teórica, sobre até que ponto o jornalismo pode ser considerado um formato de narrativa, este artigo se propõe a discutir o tema, objetivando provocar reflexão acerca dele. Para isso se vale de um eixo teórico contextualizado para o programa Fantástico, da TV Globo, em reportagem que aborda o combate à crise humanitária do povo Yanomami, provocada pelo garimpo ilegal no Estado de Roraima. Esta publicação não tem o propósito de esgotar as argumentações, pelo contrário, pretende suscitar ainda mais discussões acerca do tema, já que isso é bastante salutar para a própria configuração do jornalismo. Para isso, compõem seu campo metodológico, estudo bibliográfico dialogando com a análise empírica da reportagem aqui mencionada.

PALAVRAS-CHAVE

Narrativa jornalística. Povo Yanomami. Programa Fantástico. Sartre. Ricoeur.

1. INTRODUÇÃO

O jornalismo pode ser considerado uma configuração narrativa? Se ele descreve, interpreta, notifica, mostra e traz o contexto da história, não estaria a narrativa contida nesses processos? Essas foram questões trazidas a partir de outras indagações apresentadas por Motta (2004) em artigo intitulado 'Jornalismo e configuração narrativa da história do presente', as quais seguem:

Os enunciados jornalísticos não possuem ficcionalidade, uma atitude de fingimento consensual que se estabelece entre autor e leitor no jogo da ficção (suspensão voluntária da descrença). Mas, narram sucessões de estados de transformação, ainda que de forma fragmentada e dispersa. Possuem eles a qualidade da narratividade? Como se processam as conexões e ordenações entre os incidentes narrados cada dia pelo jornalismo? Como se constroem as compreensões e significações? A narratividade jornalística conecta as partes, configura histórias? Se há histórias, que significações conformam? Onde estão as fábulas? (MOTTA, 2004, p. 29).

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina, PPGJOR/UFSC, mestre em Políticas Públicas pela UMC.

² Prof.^a Dr.^a Rita de Cássia Romero Paulino, coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo – PPGJOR, professora do Departamento de Jornalismo Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Para tratar o tema narrativa jornalística, além de refletir sobre o texto desse autor e seus questionamentos, vou considerar aqui uma parte do rico arcabouço teórico apresentado pelos professores Fabio Machado e Maria Helena Abrahão na disciplina **Memória, Narrativa e Pesquisa (Auto)Biográfica na História e Sociologia da Educação: Jean-Paul Sartre e Paul Ricoeur**. O objetivo é contextualizar esse conhecimento teórico pela reportagem do programa Fantástico, exibido pela TV Globo em 29 de janeiro de 2023, que tratou da situação e do atendimento das equipes de saúde ao povo Yanomami, feita pelos repórteres Sonia Bridi e Paulo Zero.

Porém, antes de ingressar na reflexão acerca do tema e de sua problemática frente ao jornalismo, assim como facilitar a compreensão da discussão, cabe conceituar o termo narrativa. Santos, Fouraux & Oliveira, definem como “a forma pela qual as pessoas organizam suas vivências mentalmente para externizá-las, seja pela fala verbal, gestual ou outra” (2019, p. 37). Nessa mesma direção segue a definição de Piccinin (2019), quando apoiada em Motta (2013) e Stubblefield (2000), explica ser a narrativa o exercício de nomear o real continuamente sob um olhar próprio da condição humana, uma forma de conhecer e apreender o mundo a partir de uma chave hermenêutica e epistemológica. A partir das definições aqui colocadas, podemos caracterizar a narrativa como uma forma encontrada de expressar uma experiência vivida ou presenciada, considerando para isso um universo de signos que forma o repertório daquele que a recebe.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 Discussão teórica

Motta (2004, p. 24) começa seu texto com algumas perguntas disparadoras. Entre as quais, “como as desconexas significações parciais das notícias diárias são interpretadas pelos receptores?”. Nessa mesma perspectiva, ele questiona se há expressão narrativa nos relatos jornalísticos; se a linguagem objetiva e descritiva do jornalismo pode ser vista como narrativa; se podemos enxergar uma conexão entre narrativa jornalística e de ficção literária ou se estaria mais alinhada à narrativa fática

da história. Indaga ainda qual a natureza da produção narrativa jornalística, onde e como essas narrativas se revelam. Obviamente que o autor não se refere ao jornalismo literário, mas ao factual, dinâmico, informacional, o da notícia.

Ele inclui nesse diálogo Mieke Bal (2001, 12-17, apud Motta, 2004), que entende um texto narrativo como o desenvolvido por um agente que traz consigo uma história contada por meio da linguagem, ou seja, com a utilização de signos linguísticos. Isso significa que o texto não é a história, mas o relato dela. Nesse caso a narrativa jornalística se aproximaria mais de diegese do que de mimese já que sem fazer parte do fato, o jornalista o retrata sob o seu olhar, na função de quem vê. Ainda na visão de Bal (1977), esse profissional poderia ser considerado um narrador invisível, onisciente que acaba deixando sua visão de mundo no texto. Luhmann (1996) encara toda descrição como autodescrição, pois o narrador considera o seu próprio repertório (político, social, pessoal) ao fazer qualquer observação. E é justamente isso o que ocorre com o jornalista quando ele faz suas considerações acerca de um fato.

Entretanto, Motta (2004), ao mencionar Bal, lembra que um texto narrativo contém três características, a de texto mesmo, a de história e de fábula. Enquanto isso, Luhmann (1996) trata o texto narrativo como uma descrição que, portanto, facilita a lembrança e a transmissão da mensagem nele contida. “Narração é o procedimento representativo dominado pelo relato de eventos que configuram o desenvolvimento de uma ação temporal (cronológica) que estimula a imaginação (a diegese da história)” (MOTTA, 2004, p. 25). Ele ressalta também que o discurso jornalístico está mais próximo da descrição do que da narração e que os textos são tão descritivos quanto narrativos.

Entendo, a partir dessas argumentações, que o jornalismo se utiliza de narrativa em algumas ocasiões, quando se traz uma abordagem de símbolos, como destaca Luhmann (1996), e quando ocorre o que menciona Sartre (1981, p. 48, apud Spohr (2016), “para que o mais banal dos acontecimentos se torne uma aventura, é preciso e basta que nos ponhamos a narrá-lo. É isso que ilude as pessoas: um homem é sempre um narrador de histórias, ele vive rodeado de suas histórias e das histórias dos outros”. Entretanto, a colocação de Sartre caminha no sentido do que Motta (2004) chama de *Showing x telling*, que compõem a teoria literária. *Showing* seria a

representação dramática “que mostra uma sucessão de cenas e revelam situações particulares, deixando o espectador configurar o enredo e a diegese da história”. Já “o *telling* se distingue pelo esforço do narrador em conectar, juntar as partes, contar enfim” (MOTTA, 2004, p. 26). Para ele, como o jornalismo conjuga a dramatização dos fatos com a atribuição de importância dos personagens e de se manter distante do fato, trabalhando conceitos éticos e morais, está mais para o *showing* do que para o *telling*.

Entende também o autor que o jornalismo descreve fatos tal como ocorrem na realidade sem a intenção de contar histórias. “Neste sentido, afasta-se da narrativa tradicional”, já que não considera, em seus diálogos narrativos, a interpretação criativa. Esta fica por parte de seus públicos, sejam eles leitores, espectadores ou ouvintes.

As discussões acerca da potencialidade da narrativa no contexto jornalístico nos fazem buscar outros entendimentos, como o de Paul Ricoeur (2007), para quem as narrativas podem reconfigurar a nossa experiência temporal. Ele se baseia nas aporias sobre o tempo nas confissões de Santo Agostinho. Ricoeur entende que um texto narrativo se vale da temporalidade, já que ele traz um contexto histórico, ou seja, se baseia no mundo temporal humano.

Para Ricoeur, existe entre a atividade de narrar uma história e o caráter temporal da experiência humana uma correlação que não é puramente acidental, mas que apresenta uma forma de necessidade transcultural. O tempo torna-se tempo humano na medida em que é articulado de um modo narrativo e a narrativa atinge seu pleno significado quando se torna uma condição da existência temporal. O caminho aberto por Ricoeur precisa ser explorado com mais detalhes na medida em que abre trilhas intrigantes para uma posterior compreensão da comunicação jornalística, uma atividade essencialmente marcada pelo tempo (a atualidade, recenticidade, a instantaneidade e a contemporaneidade são valores-notícia determinantes da forma de conhecimento jornalística) (MOTTA, 2004, p. 30).

Em outra publicação, Motta (2013) apresenta seis razões para explicar por que devemos estudar as narrativas. A primeira é para compreendermos como construímos nossas auto narrações, ou seja, devemos estudar a importância da narrativa para entender quem somos, nossa identidade e individualidade. A segunda, é compreender nossa representação no mundo. A terceira é entender os motivos pelos

quais às vezes compreendemos fielmente o mundo e outras essa compreensão é imaginativa. A quarta razão nos remete a Paul Ricoeur, pois refere-se a como representamos o tempo humano. A quinta razão pela qual estudamos as narrativas é para que possamos verificar como elas estabelecem consensos a partir de dissensos. E a última é interpretativa, semiótica e contextual, ou seja, para termos condições de contar da melhor forma.

Por mais que alguns autores acreditem na linguagem semiótica, como é o caso de Luhmann (1996), Ricoeur defende a hermenêutica e a teoria dos atos da filosofia analítica, valorizando a memória e os fenômenos mnemônicos. Sim, porque ele entende que não há outro recurso para referenciar o passado que não seja a memória. O jornalismo se vale da memória para referenciar, justificar ou mesmo contextualizar as informações do presente. Barbosa (2018), ao se referir ao jornalismo, menciona a memória coletiva e atribui a Halbwachs (1990, apud BARBOSA, 2018) a ideia de que as pessoas lembram dos fatos porque estão ligados a grupos, já que a memória é acionada pela interpretação que se faz do outro. “A memória é sempre viva, dinâmica, diferente a cada lembrança. Para que seja acionada, muitas vezes é preciso estar ativada em grupos que tenham ‘vontade de memória’” (Barbosa, 2018, p. 156).

Se existe história, existe memória, e tanto uma quanto a outra precisam ser valorizadas, sobretudo no contexto da narrativa, que é o foco deste artigo. A narrativa dá forma à história e a memória torna a história sempre viva. O jornalismo tem a função de trazer a história para o presente. Ecléa Bosi trabalha a memória por meio de histórias de pessoas mais velhas, tratando como patrimônio valioso e imaterial, o que de fato o é. “O que me chama a atenção é o modo pelo qual o sujeito vai misturando na sua narrativa memorialista a marcação pessoal dos fatos com a estilização de pessoas e situações e, aqui e ali, a crítica da própria ideologia”. (Bosi, 1994, pp. 458-459). Essa habilidade é muito verificada em indivíduos que já tenham um extenso arcabouço de vivência e que o jornalismo, ao fazer uso, se beneficia, quando precisa contextualizar sua notícia ou entender para poder transferir sua informação. “Às vezes há deslizes na localização temporal de um acontecimento. [...] Linhas adiante, lembra em acréscimo que uns e outros sofrem um processo de desfiguração, pois a memória grupal é feita de memórias individuais.” (p. 419). Isso ela retrata em seus livros, como Memória e

Sociedade (1994), Tempo Vivo da Memória (2003) e Velhos Amigos (2003), para citar alguns. Neste último, ela traz 22 contos de ‘velhos amigos’, que podem ser apreciados e interpretados tanto por velhos, quanto por jovens e crianças, pois as histórias são divertidas, tristes e conceituais, até para que se compreenda o mundo pelo olhar da sociologia, da antropologia, da filosofia e da política.

Embora possa parecer que esse olhar romantizado da memória se afaste do jornalismo e de suas narrativas, e dê a impressão de que esteja fugindo do contexto do artigo, isso não procede, porque o jornalismo se legitima no lugar e peso da história, mesmo sendo um profissional que atue com foco no presente sem estar muito ligado ao seu próprio passado (BARBOSA, 2018). “É a convicção de não termos outro recurso a respeito da referência ao passado, senão a própria memória” (RICOEUR, 2000, p. 40).

Dando prosseguimento à análise de Motta (2004), ele lembra que Ricoeur se vale da antropologia cultural na compreensão da história, de seu tempo e da linguagem, a linguagem do ‘fazer’. E que a história se constitui da tragédia e da comédia, representando os melhores e os piores homens, numa hierarquia de valores do bem e do mal. E nesse aspecto também há conexão com o jornalismo que, ao apresentar uma tragédia, como é o caso da reportagem que trata da crise humanitária dos Yanomami, que detalharemos mais adiante, ficam evidentes os lados das vítimas (problema), do bem (governo atual e ações de combate) e do mal (governo anterior que permitiu que a situação chegasse no caos). E mais:

A ação não pode, nem deve ser eticamente neutra, até porque ela oferece aos autores convenções e convicções, mas também ambigüidades e perplexidades (normas conflitivas) a resolver (de modo hipotético). Neste sentido, a poética não cessa de tomar emprestada à ética uma experimentação de valores. Diz ele: "seguimos o destino de um tempo prefigurado em um tempo refigurado pela mediação de um tempo configurado" (MOTTA, 2004, p. 30, apud RICOEUR, 1994, p. 87).

Nesse campo polissêmico da lembrança, Ricoeur traz o caso dos *ideal-types* de Max Weber, ou seja, de tipos ideais, um método que ajuda a fazer um recorte da realidade com instrumentos que promovem a compreensão dessa realidade ou de outra

possível, por exemplo, modelos de família, de grupos, de sociedade, que são considerados em qualquer narrativa. Eles compõem análises e corroboram a distinção do bom, do mal, do melhor, do pior etc., a partir de valores éticos e morais de cada grupo. “Ricoeur leva-nos a constatar uma estrutura pré-narrativa da experiência temporal do mundo da vida que permanece implícita nas mediações simbólicas da ação, e que ele considera indutora da narrativa (mimese 1)” (MOTTA, 2004, p. 30). Isso significa que o passado, o presente e o futuro são articulados a partir da prática cotidiana. Embasado em outras teorias, inclusive a de Ricoeur, o autor conclui que o tempo é um tríplice presente de coisas passadas e futuras e que se reconhecem nas dimensões temporais. Com isso, ele ingressa no ‘ser-no-tempo’ de Ricoeur, ou seja, na sua intratemporalidade, onde passa a haver o tempo existencial, o qual se repete na sua temporalidade. Tais configurações narrativas compreendem:

Imitar ou representar a ação é, primeiro, pré-compreender o que ocorre com o agir humano, com a sua semântica, com a sua simbólica, com a sua temporalidade. É sobre essa pré-compreensão, comum ao poeta e a seu leitor, que se ergue a tessitura da intriga, e com ela, a mimética textual e literária' (Ricoeur, 101, apud MOTTA, 2004,p. 31).

Na análise de Motta (2004), Ricoeur encara o círculo na narrativa como algo que se fecha no público (leitor, ouvinte, espectador), concluindo assim o caminho percorrido pela mimese, no qual há a intersecção do emissor com seu receptor, que é dinâmica, sobretudo nos novos tempos das avançadas tecnologias. Sem contar ainda que a experiência temporal forma sempre novos conhecimentos e a narrativa estrutura e formata essa experiência para ser melhor entendida e interpretada. E é esse o compromisso da narrativa jornalística, desenhar a realidade amparada pela memória e transformá-la numa articulação de discursos sociais, com um diálogo que se aproxime do repertório de seu público, sendo, portanto, “um agente mediador entre o mundo dos fatos e a instância de leitura/recepção” (MOTTA, 2004, p.216). O jornalismo dá a devida importância e potencialidade à narrativa, o que ocorre a partir da apuração, seleção de fatos e articulação da mensagem.

2.2 Reportagem sobre o povo Yanomami no Fantástico

Exibida no dia 29 de janeiro de 2023, a reportagem é um modelo bem desenhado de toda a teoria aqui apresentada, no tocante ao uso da narrativa pelo jornalismo, com o caso da crise humanitária dos povos Yanomami, no estado de Roraima, desde a chegada do garimpo ilegal ocorrida a partir de 2016. De responsabilidade dos profissionais Sonia Bridi e Paulo Zero, sendo ela com o texto e ele com as imagens, a reportagem começa logo depois de uma outra em que o repórter local, Luciano Abreu, traz a informação do andamento dos processos de resgates de indígenas enfermos, da chegada de alimentos e a situação das mortes, com entrevistas a autoridades do Ministério da Saúde presentes.

A narrativa se inicia com a apresentação da reportagem, pela jornalista e apresentadora do programa Fantástico, da TV Globo, Maria Julia Coutinho. O título é “O Brasil diante de uma tragédia em seu próprio território”, uma demonstração de *diegese*, na qual a emissora se valeu do *showing* mencionado anteriormente por Motta (2004). Na sequência, corroborando essa análise, segue o texto de apresentação da reportagem, que também poderia ser chamado tecnicamente de lead³.

O Brasil diante de uma tragédia humanitária em seu próprio território. A reportagem especial de hoje é sobre o socorro ao povo Yanomami, vítima do descaso criminoso de quem deveria protegê-lo e da cobiça de garimpeiros invasores. No último fim de semana os repórteres Sonia Bridi e Paulo Zero foram à terra Yanomami em Roraima. Testemunharam um cenário desolador. Enquanto as primeiras equipes locais distribuíam alimentos, famílias inteiras precisavam ser resgatadas. Adultos, idosos e crianças em condições dramáticas de saúde. Malária, pneumonia, desnutrição, contaminação por mercúrio. A lista de doenças é extensa. Você vai ver como a maior terra indígena do Brasil chegou a essa situação de emergência. Quais são os planos para recuperar a região? E o que pode acontecer com os responsáveis pela violência contra os Yanomami (PROGRAMA FANTÁSTICO, TV GLOBO, 29-01-2023).

Começa com uma paisagem que mescla floresta e céu, ambos acinzentados, desenhando o cenário frio, triste e desolador, acompanhado de música de conotação

³ Segundo o manual de redação do Estadão, lead é a abertura da matéria. Nos textos noticiosos, deve incluir, em duas ou três frases, as informações essenciais que transmitam ao leitor um resumo completo do fato. Precisa sempre responder às questões fundamentais do jornalismo: o que, quem, quando, onde, como e por quê. Uma ou outra dessas perguntas pode ser esclarecida no sublead, se as demais exigirem praticamente todo o espaço da abertura. Mais informações em: <https://www.estadao.com.br/manualredacao/esclareca/leads>

depressiva. Apresenta o depoimento do presidente do Conselho Distrital de Saúde Indígena Yanomami, Junior Hekurari Yanomami, que traz a memória do que era o povo antes da chegada do garimpo ilegal, com um ecossistema que dava garantia de vida e de sobrevivência tranquila. Na sequência, entram as imagens da tragédia humanitária e a voz da repórter com entonação de desolação em sua fala. Todo o discurso é supervalorizado potencializando a situação para o campo que se deseja, que é o da desgraça e da tragédia. Mostra os territórios visitados e a situação de cada um, com os doentes sendo transportados de helicópteros e aviões pequenos para acampamentos de saúde improvisados e hospitalares.

O primeiro local onde a equipe de reportagem pousa é o território de Surucucu. Após a chegada, as imagens são de um bebê enfermo no colo da mãe, com pneumonia grave, relatado pelo texto, e depoimento do enfermeiro que auxilia no transporte do medicamento. A fala da jornalista é acompanhada da imagem do bebê sendo transportado e do trabalho das equipes de resgate dos doentes. São imagens chocantes que comprovam todas as informações verbalizadas e reforçam a entonação da repórter. Mostra em seguida o acampamento para os primeiros tratamentos médicos. Durante todo o tempo, a produção mescla as imagens dos doentes com o cenário da destruição dos rios pelo garimpo. Mescla essas imagens com um mapa dinâmico demonstrando a evolução do garimpo ilegal, o que vem acontecendo, segundo a reportagem, desde 2016, intensificando-se a partir de 2018, com a eleição de Jair Bolsonaro. Também apresenta os locais onde se instalaram os garimpeiros e seus instrumentos de trabalho e de moradia. Durante todo o tempo, a reportagem traz a história para o presente, com o cenário de antes para que o espectador pudesse compreender a mudança, ora com um comparativo de um ano, de quatro, cinco, seis e até de quase 30 anos atrás. Isso é muito importante, pela necessidade de registrar para o leitor o testemunho dos acontecimentos. “A memória, no sentido de mecanismos coletivos de preservação de documentos e informações relevantes, deve ser preservada tanto em um ambiente com informações superabundantes quanto no qual elas faltam” (BARBOSA, 2018, p. 159-160). Ainda segundo a autora, as narrativas são necessárias para configurar as memórias que são, elas mesmas, construção narrativa.

A reportagem traz ainda os indígenas chegando aos acampamentos de saúde e as falas dos médicos com os diagnósticos: malária, desnutrição etc. Informa que o posto de saúde foi queimado pelos garimpeiros no ano passado e, com isso, os casos de malária não foram atendidos, provocando seu aumento na população local. Essa informação foi destacada no vídeo para reforçar ainda mais seu objetivo: mostrar de qual lado está a reportagem e a emissora por ela responsável. Isso nos remete ao caso dos *ideal-types* de Weber, que ajudam a tipificar o bem e o mal; o melhor e o pior etc.

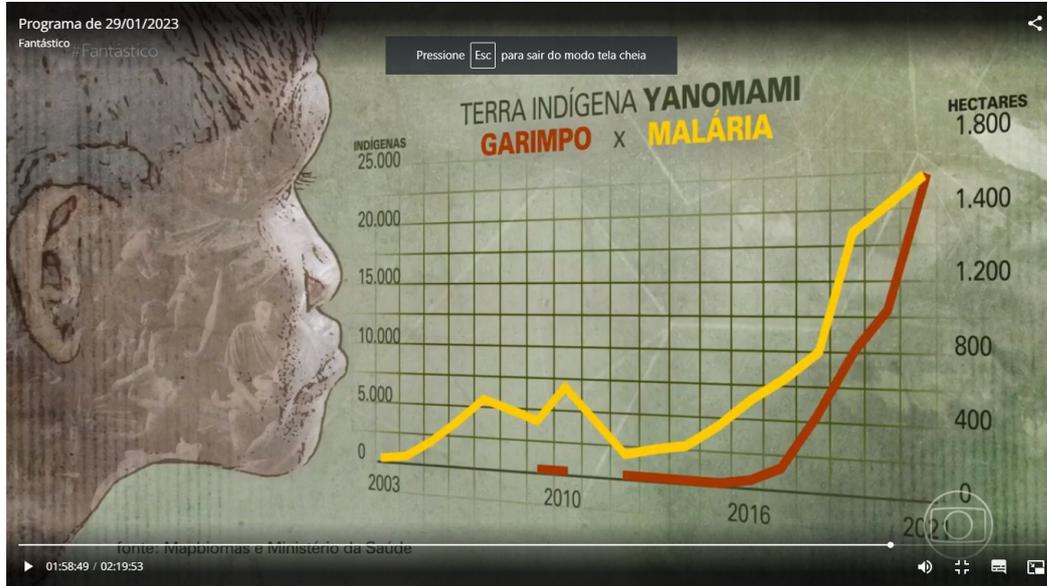
Além da imagem e da fala, a reportagem reforça com o destaque do texto



Crédito: Imagem do programa Fantástico, TV Globo, exibido 29/01/2023

Outra estratégia utilizada na reportagem do Fantástico sobre os povos Yanomami é a utilização de gráficos ilustrativos e dinâmicos que, além de colaborar na informação, destaca a história, auxiliando nos dados utilizados no presente, por meio da narrativa de intencionalidade.

Gráficos dinâmicos que mostram a evolução do problema



Crédito: Imagem do programa Fantástico, TV Globo, exibido 29/01/2023

Em outro momento, é relembrada uma reportagem feita em novembro 2021, quando já alertava para a existência de uma crise humanitária, quando o quadro da desnutrição já atingia 80% das crianças dos territórios Yanomami, fato que foi ignorado pelo governo de então.

Outra comunidade visitada pela reportagem do Fantástico foi a da Kataroa, onde também chegam os alimentos de doações, mas que tem um grande número de enfermos. Mostra uma indígena contando que cinco pessoas de sua família morreram. Ali as crianças são pesadas para receber medicação. Uma delas, com 4 anos, tem apenas 7 quilos, quando deveria pesar 17, conforme a repórter anuncia, com ênfase em seu discurso, para reforçar ainda mais o teor de denúncia da reportagem.

Destaca ainda que a assistência das autoridades surgiu após o presidente Lula receber fotos ilustrando a situação dos Yanomami, seguida do vídeo com o depoimento do presidente no dia de sua visita ao local. E voltam a aparecer dados estatísticos em formato de texto e imagem, como as mortes de 570 crianças entre 2019 e 2022, com crescimento de 29% de um ano para outro.

Para corresponder à ética jornalística de divulgar os dois lados, a reportagem traz uma postagem de Jair Bolsonaro em redes sociais, com um relatório informando que houve, durante seu governo, a investigação das crianças daquela comunidade indígena. Porém, foi usado um documento com dados de 2008 e com uma foto de criança de outra comunidade, a do Maranhão.

Em outra imagem de destaque, a matéria traz os casos de desnutrição em crianças de zero a cinco anos, num comparativo entre os períodos de 2015 a 2018 e de 2019 a 2022, com um crescimento dos casos em 360%.

Mortes de crianças por desnutrição



Crédito: Imagem do programa Fantástico, TV Globo, exibido 29/01/2023

“É uma combinação de dados ligados ao garimpo que provocou essa crise”, destaca a repórter. Para reforçar a veracidade de sua narrativa e das informações nela contida, a reportagem traz entrevistas com a ministra das Causas Indígenas, Sonia Guajajara e o ministro da Justiça, Flavio Dino. Depois que o ministro fala de possibilidade concreta de genocídio, Bridi traz novamente o passado, informando que o último caso considerado genocídio daqueles territórios aconteceu em 1993, com a morte de 16 indígenas por garimpeiros. O que sustenta a colocação do início da

matéria, de que é a maior tragédia indígena de todos os tempos no Brasil. A matéria prossegue com Sonia Bridi diante da câmera, conversando com o público, com os olhos lacrimejantes, com seus argumentos reforçados por imagens e comentários de outros personagens, como a fala do presidente do Conselho Distrital de Saúde Indígena Yanomami, que aparece no início da reportagem, dizendo que foram 21 ofícios enviados ao governo ao longo dos últimos quatro anos e que nenhum deles teve resposta.

Traz ainda outras falas, como a de um representante do ministério Público, dizendo que há cinco anos vem alertando o governo federal para a situação, sem um retorno. E que em 2020 uma liminar da Justiça Federal obrigava o então governo a combater o garimpo. No relato, o representante diz que o relatório dava uma situação totalmente diferente da que se via e que a saída do garimpo seria algo quase impossível de ser solucionado. E que havia 421 pontos de operação ilegal do garimpo. A imagem volta para a repórter, que dá ênfase à informação de que em 2020 o governo não cumpriu decisão do STF que ordenava a retirada de todos os garimpeiros do local. A decisão, segundo ela, "em plena pandemia alertava para uma crise como esta", ou seja, dá ainda mais força ao argumento da crise, trazendo a pandemia da covid para o contexto.

E volta no tempo informando que a mesma equipe de reportagem acompanhou a terceira ação da polícia federal, em 2022, destruindo postos de garimpeiros, apreendendo várias aeronaves, inutilizando boa parte da estrutura do garimpo. Foram determinadas três ações, mas duas não aconteceram, porque o Ministério da Defesa não disponibilizou helicópteros de grande porte, necessários para operar na terra indígena.

Prossegue a matéria do Fantástico, mostrando um outro ponto do território Yanomami, um lugar onde o garimpo tomou conta, um espaço devastado, sem matas e com o rio contaminado. Em outra comunidade, Cachoeira, as imagens mostram mais crianças magras e o relato de um indígena dizendo que estão com diarreia e fome.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando nos deparamos com reportagens como a apresentada no programa Fantástico da TV Globo, em 29 de janeiro, sobre a crise humanitária dos Yanomami, e analisamos sob a ótica da intencionalidade, não há como negar que o jornalismo também se utiliza da narrativa para informar, convencer, sensibilizar e formar opinião. Para Motta (2004), nem toda produção jornalística tem uma narrativa, já que algumas têm o objetivo de apenas informar um fato, um acontecimento. Luhmann considera o texto narrativo uma descrição que facilita a lembrança e a transmissão da mensagem nele contida, o que nos faz pensar o jornalismo.

Já Paul Ricoeur entende as narrativas como reconfiguração de nossa experiência temporal, o que notamos nas apresentações da jornalista, durante a reportagem e na própria reportagem em si, que traz todo um contexto de temporalidade, valorizando o trabalho com seu histórico, de maneira ilustrativa, inclusive. Isso pode provocar mais interesse ainda pelo público, já que a televisão tem esse poder de envolvimento por meio de ações holísticas.

No tocante ao questionamento de Motta (2004) colocado no início deste artigo, se os trabalhos jornalísticos possuem qualidade da narratividade e se processam conexões e ordenações entre o que é narrado pelo jornalista, se a narratividade conecta as partes, se configura histórias, mesmo não sendo ficções ou fábulas, entendemos que sim, pois não há como negar que o jornalismo se vale de histórias, precisa se concentrar em memórias para trazer ao público um presente fundamentado para que esse presente passe também a fazer parte da história a ser pesquisada e referenciada no futuro.

É possível optar em apresentar um capítulo metodológico ou de procedimentos metodológicos e técnicos utilizados. Esta escolha fica a critério dos autores. É importante que os aspectos metodológicos sejam bem descritos, baseados em bibliografia adequada em algum momento do texto.

REFERÊNCIAS

LIVRO FÍSICO

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**. São Paulo: Ateliê editorial, 2013

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994

BOSI, Ecléa. **Velhos Amigos**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2019

LUHMANN, Niklas. A obra de arte e a auto-reprodução da arte. In: OLINTO, Heidrun K. **História da Literatura e as novas teorias alemãs**. São Paulo: Ática, 1996

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise crítica da narrativa**. Brasília: Universidade de Brasília, 2013.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. S. Paulo: Martins Fontes, 2011

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o Esquecimento**. Trad. Alan François [et all] Campinas: Editora da UNICAMP, 2007

ARTIGO

GERK, Cristine; BARBOSA, Marialva. Jornalismo, Memória e Testemunho: Uma análise do tempo presente. **Contracampo**, Niterói, v. 37, n. 01, pp. 150-167. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/17640/pdf>. Acesso em 02-02-2023

MOTTA, L. G. (2004). Jornalismo e configuração narrativa da história do presente. **E-Compós**, 1. <https://doi.org/10.30962/ec.8>

PICCININ, Fabiana. Cumplicidades entre mídia e audiência nas narrativas de “real” na ficção e no jornalismo. Revista do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora / UFJF, v. 13, n. 1, p. 15-28, jan./abr. 2019. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/index.php/lumina/article/view/26056/14815>. Acesso em 06-02-2023.

SANTOS, Márcio S.; FOURAUX, Carlolina Gonçalves S.; OLIVEIRA, Valéria M. Narrativa como método de pesquisa. **Revista Valore**, Volta Redonda, 5 (Edição Especial): 37-51, 2019. Disponível em: <https://revistavalore.emnuvens.com.br/valore/article/download/400/303#:~:text=A%20narrativa%20%C3%A9%20a%20forma,da%20narrativa%20de%20quem%20narra>. Acesso em: 06-02-2023.

SPOHR, Bianca. A concepção restauradora da narrativa em Sartre. **Revista da Psicologia da USP**, Vol 27, n. 01, (p. 61 a 69), 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psusp/a/p5x3cNvFBnktVt9tVJr3qfx/?lang=pt&format=pdf>

VÍDEO

TV GLOBO. Programa Fantástico de 29/01/2023. Disponível em Globoplay:
<https://globoplay.globo.com/v/11322201/?s=0s>. Acesso em 02-02-2023